

CURTIMENTO DE PELES DE COELHO

Comparação entre métodos artesanais

Ana Paula de Ré Elisbão¹; Leticia Debatin de Oliveira²; Thayna Gonçalves dos Santos³, Claudia Damo Bertoli⁴

RESUMO

O mercado de peles no Brasil é incipiente. Este trabalho foi desenvolvido buscando a melhor maneira artesanal de se obter uma pele de boa qualidade e digna de venda, ou até mesmo exportação, já que este é um mercado pouco desenvolvido atualmente no Brasil. Esta pesquisa levantou duas importantes questões no processo artesanal de curtimento de pele de coelhos: os processos pesquisados na literatura apresentavam variações entre o tempo de molho da pele na solução e o fator pele congelada versus pele fresca antes do molho. Foi realizado um experimento em quadrado latino e avaliadas as características maciez, fragilidade (resistência ao rompimento), dificuldade de manuseio das peles durante a fase de descarte, e a fixação do pelo. Após os testes, os dados serão analisados estatisticamente para elaboração dos resultados e conclusões

Palavras-chave: Curtimento. Coelho. Pele.

INTRODUÇÃO

Pele é o tecido que recobre o corpo do homem e dos animais. Para ser utilizada como matéria prima é necessário passar pelo processo de curtimento (curtume), ato de preparar algo para o uso e/ou comercialização. Os coelhos estão entre os animais mais utilizados para curtimento pois sua pele apresenta características atrativas como: material durável, imitar outras peles de animais silvestres, apresentar baixo custo de produção, além de possibilidade de coloração. As peles de coelhos são muito apreciadas devido à sua beleza, maciez e qualidade.

¹ Discente do ensino médio integrado ao técnico de agropecuária, IFC – Campus Camboriú, Dereanapaula985@gmail.com.

² Discente do ensino médio integrado ao técnico de agropecuária, IFC – Campus Camboriú, Leticia_bbs@outlook.com.

³ Discente do ensino médio integrado ao técnico de agropecuária, IFC – Campus Camboriú, Thayna.gds9@gmail.com.

⁴ Professora EBTT, IFC – Campus Camboriú, Eng^a Agr^a, Dr^a. claudia.bertoli@ifc.edu.br

As peles maiores, de boa qualidade e comercializadas em grandes lotes são as mais valorizadas e para obtê-las é necessária a criação de raças puras e selecionadas (SOUZA, 2011). Além do grande valor comercial que essas peles apresentam, é possível observar também as mais variadas utilidades que o couro possui, tais como: decoração, bolsas, calçados, tapetes, acessórios e roupas.

A partir desta ampla visão e observação, desenvolvemos esta pesquisa, com a intenção de buscar melhorias no processo de curtimento artesanal de peles de coelho.. Este projeto tem como objetivo comparar a qualidade das peles geradas por curtimento artesanal em relação à utilização de peles frescas e congeladas, além de também averiguar a influência do tempo de molho das peles na solução (12h ou 24h), no processo de curtimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto foi desenvolvido nos Laboratórios de Prática e Produção Orientadas (LPPO) de Agroindústria e Cunicultura do Instituto Federal Catarinense – *Campus Camboriú* (IFC-Camboriú). A receita base utilizada foi fornecida pela Prof.^a Dra. Marília T. S. Padilha, intitulada curtimento artesanal de peles de coelho. Outras receitas pesquisadas foram encontradas na apostila da disciplina de Produção de Couro e Pele da Fundação Universidade do Paraná e nos livros de Klinger e Toledo (2018) e Mello e Silva (2012)

As 24 peles utilizadas provieram de aproximadamente 40 coelhos da raça Nova Zelândia Branca, oriundos de uma pesquisa realizada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujos animais foram abatidos no IFC-Camboriú e as peles doadas para este projeto.

O primeiro passo para a obtenção da matéria prima é a remoção da pele, depois de realizado o abate. O segundo passo é o corte da pele e a sua limpeza, quando é realizado um corte na linha central do abdômen. Os restos de carne e gordura são retirados da pele com a ajuda de uma faca, bem como as membranas e glândulas mamárias, ficando o couro totalmente limpo (evitar furos e cortes). Se a pele estiver muito suja, pode ser lavada com água.

A partir do terceiro procedimento, iniciou-se este projeto. As peles foram divididas em dois lotes: as 12 que foram congeladas e as que seriam curtidas frescas.

As peles encaminhadas para congelamento foram dobradas com o pelo para dentro, e separadas unitariamente em sacos plásticos e foram armazenadas na câmara fria do abatedouro escola do IFC-Camboriú. As peles submetidas ao tratamento sem congelamento foram utilizadas imediatamente após o abate.

O curtimento foi dividido em 6 fases distintas.

Fase 1 – Molho: consiste em pôr as peles limpas e lavadas submersas (com o lado do pelo para baixo) de molho em recipientes com a seguinte solução para cada pele: 2L de água, 50g de pedra ume (alúmen de potássio) e 50g de NaCl (sal comum de cozinha).

Dois tratamentos foram realizados, com seis repetições cada. O tratamento 1 consistiu em tempo de molho de 12horas e o tratamento 2 consistiu em tempo de molho de 24horas.

Fase 2 – Descarne: esta fase consiste em remover gorduras, pedaços de carne e restos de qualquer membrana que esteja aderida à pele.

Fase 3 – Fixação: , consiste em retornar as peles para a solução original de água, sal e pedra ume e deixá-las por mais 48 horas. Devem ficar totalmente submersas, com o pelo voltado para baixo.

Fase 4 – Secagem e Desfibramento: consiste em retirar as peles da solução, escorrer bem e colocá-las para secar à sombra. As peles devem secar até o ponto de mudar a coloração de branco para amarelo na face interna da pele (região desprovida de pelos). Chegando neste ponto, é feito um trabalho de esticamento (desfibramento) das peles, tanto para o seu comprimento quanto para sua largura, até perceber que a cor mudará de amarelo para branco novamente.

Durante este trabalho houve um problema nesta fase devido o local onde as peles foram postas para secar. O local apresentou-se com excesso de umidade, o que interferiu no secamento das peles e provocou aparecimento de fungos em algumas delas. Para solucionar este problema isso fora preciso retirá-las de lá e passar um pouco de água sanitária nos fungos, com auxílio de um algodão e/ou cotonetes.

Fase 5 – Amaciar: consiste em passar a parte sem pelos da pele sobre uma aresta (quina) de madeira, até constatar que está macia.

Fase 6 – Hidratar e Desengordurar, esta fase consiste em passar óleo lipodermic (óleo de bebê) ou creme hidratante no lado sem pelos, dobrar a pele com

o couro para dentro e deixar assim por um dia. Depois aplica-se talco na região dos pelos. Para finalizar, passa-se uma escova para retirar o excesso do talco.

RESULTADOS ESPERADOS OU PARCIAIS

Partindo do curtimento das peles frescas, obtivemos resultados que foram aplicados a uma tabela de avaliação. O primeiro curtimento, feito com as peles de coelho ainda frescas e subdividido em Teste 1 (T1-12) e Teste 2 (T1-24), consistiu em avaliar as diferenças entre o tempo em que a pele se mantinha na solução da fase 1, respectivamente 12h e 24h, mantendo o mesmo procedimento para os dois testes nas demais etapas.

O teste 2 (T1-24) demonstrou na Etapa 2, o descarte, uma fragilidade que propicia ao rasgo da pele juntamente a furos, o que se torna um aspecto ruim para a estética da pele e resultado final. Na Etapa 4, secagem e desfibramento, o local em que foi submetido as peles para secagem continha umidade, o que ocasionou em mofo em todas as peles do teste 1 retirados então com água sanitária e algodão; O desfibramento das peles do teste 1 não demonstraram nenhuma dificuldade, sendo um desfibramento fácil e sem problemas. A partir etapa 06, nenhum processo foi executado ainda.

O teste 1 (T1-12) demonstrou na Etapa 2, o descarte, uma menor fragilidade em comparação ao Teste 2, sendo poucos furos e rasgos contabilizados para a avaliação, o que tornou-se um aspecto positivo para a estética da pele e resultado final. Na etapa 4, secagem e desfibramento, o local em que foi submetido a secagem, o mesmo do Teste 2, continha umidade e também ocasionou em mofo em todas as peles, que foram retirados com água sanitária e algodão; o desfibramento das peles do Teste 2 não demonstraram nenhuma dificuldade extrema, porém a pele mostrou-se mais rígida então foi necessário o maior uso de força braçal para desfibrilar completamente. A partir etapa 06, nenhum processo foi executado ainda.

Os dados coletados serão analisados estatisticamente para dar suporte científico às conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compararmos empiricamente os resultados já obtidos pelas tabelas que foram criadas, podemos concluir momentaneamente que o teste 2 (T1-12) apresenta ser mais resistível durante o manuseio, além de também demonstrar uma menor perda de pelos, ou seja, o teste 2 se mostra à frente do teste 1.

Para finalizarmos este projeto será realizado o curtimento de mais algumas peles congeladas, para que que sirvam como novos resultados, e sejam postos novamente nas tabelas, onde iremos analisar os dados obtidos, partindo de uma repetição de testes. Obtendo assim a conclusão final do projeto.

REFERÊNCIAS

CURTIMENTO DA PELE DE COELHO - SÉRIE II. **APROVEITAMENTO DE SUBPRODUTO NA CRIAÇÃO DE COELHO.** Disponível em: https://serex2012.proec.ufg.br/up/399/o/FABIANE_AGUERO_DE_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 29 jun. 2019.

KLINGER, Ana Carolina e TOLEDO, Geni Salete Pinto de; CUNICULTURA: Dodática e Prática na Criação de Coelhos. Editora UFSC.Santa Maria-RS. 125p. 2018

MELLO, Helio Vaz de.; SILVA, José Francisco. **Criação de coelhos.** Aprenda Fácil, 2. ed. – Viçosa, MG. 2012. 274p.

RURAL NEWS. **Como Curtir a Pele do Coelho.** Disponível em: <http://www.ruralnews.com.br/visualiza.php?id=494>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SOUZA, Gabrielle. Cunicultura: Criação de coelhos. Instituto de tecnologia do Paraná. TECPAR. 10/11/2011

WIKIHOW. **Como Esfolar um Coelho.** Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Esfolar-um-Coelho>. Acesso em: 29 jun. 2019.